



Theodor Adorno: Gênese Da Concepção De Semiformação

Daniele Cariolano da Silva^{1*}, Jacques Therrien² Maria Marina Dias Cavalcante³

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE

²Doutor pela Cornell University – USA,

³Doutora pela Universidade Federal do Ceará – UFC

***Corresponding Author:** Daniele Cariolano da Silva, Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE

Abstract: Este trabalho objetiva compreender a gênese da concepção de semiformação a partir dos escritos de Theodor Adorno. Trata-se de um recorte da pesquisa intitulada *A semiformação em Adorno e as práticas de leitura acadêmica de professores supervisores do PIBID/FECLESC*, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE. O caminho teórico-metodológico pauta-se por pressupostos qualitativos de pesquisa, recorrendo nesta etapa à revisão bibliográfica, com levantamento, mapeamento e análise profunda dos dados. Os resultados evidenciam o panorama no qual repousam a racionalidade técnica/instrumental que rege os processos sociais na esfera do capitalismo, a industrialização da cultura como qualquer outro produto mercadológico e a coisificação do homem, configurando-se em elementos estruturantes da gênese da concepção de semiformação (semicultura). Tal aceção como expressão dominante de uma consciência humana que renunciou a autodeterminação tem suas raízes entremeadas aos escritos de Theodor Adorno com seus pressupostos da Teoria Crítica. Assim, como resistência, evoca-se o despertar da consciência humana, a contínua autorreflexão crítica sobre o processo de conformação humana ao sistema existente.

Key words: Adorno. Semiformação. Cultura

1. INTRODUÇÃO

O estudo versa sobre a gênese da concepção de semiformação à luz do pensamento de Theodor Adorno. Trata-se de um recorte da pesquisa intitulada *A semiformação em Adorno e as práticas de leitura acadêmica de professores supervisores do PIBID/FECLESC*, realizada na esfera do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE.

Tem-se como problematização o contexto em que a sociedade capitalista cria, de forma obscura, necessidades de consumo que aparecem para as pessoas como objetivas e racionais. Necessidades de sobrevivência e de satisfação física e psicológica, fazendo com que os bens da indústria cultural efetivamente satisfaçam os seus interesses objetivos. As pessoas se comportam de forma a assimilar e a se adaptar às massas, o que aparentemente é de interesse coletivo e não gerado e propagado por um grupo dominante. Desse modo, não há o porquê das resistências à ordem geral, uma vez que a eliminação dessa cultura de consumo também eliminaria a única fonte de satisfação possível de suas necessidades.

Isto porque a racionalidade técnica e estratégica que rege a economia da sociedade capitalista se expressa na cultura e passa a significar e direcionar a vida cultural; os bens culturais se convertem em simples mercadorias, submetendo-se aos objetivos e interesses econômicos, políticos e mercadológicos. Com efeito, a cultura passa a constituir também um produto com valor de troca e regido por leis de mercado, subordinando-se e reproduzindo a situação vigente.

Segundo Adorno (2002, p. 22), “reduzida a puro estilo, trai seu segredo: a obediência à hierarquia social. A barbárie estética realiza hoje a ameaça que pesa sobre as criações espirituais desde o dia em que foram colecionadas e neutralizadas como cultura. Falar de cultura foi sempre contra a cultura”. Com o discurso de igualdade de acesso aos bens de consumo, de participação no processo de produção e de integração vertical dos consumidores, a indústria cultural, ao mesmo tempo em que

adapta os seus produtos às necessidades de consumo das massas, também cria o próprio consumo dessas classes sociais. A satisfação da pessoa não é mais movida por interesses conscientemente pessoais, individuais, mas gerados pelo mundo industrial moderno.

Ocorre a reificação de conhecimentos e de sujeitos, à medida que se promove exploração do homem em suas diversas dimensões, a cultura como mercadoria, coisificando humanos, consciências e realidades sob a base da racionalidade instrumental na qual o sistema produtivo liberal calcula, determina e racionaliza os espaços, os tempos e os sujeitos para atender às exigências do mercado capitalista.

Diante do contexto de alienação do homem em relação ao processo e aos produtos de seu trabalho, gera-se a incompletude formativa mediante a transformação dos bens culturais em mercadorias pela indústria cultural. Nesta, o homem é compreendido como ser genérico, pois “cada um é apenas aquilo que qualquer outro pode substituir: coisa fungível, um exemplar. Ele mesmo como indivíduo é absolutamente substituível, o puro nada, e é isto que começa a experimentar quando, com o tempo, termina por perder a semelhança”. (ADORNO, 2002, p. 43). A cultura passa a ser significada e direcionada pelo esvaziamento, pela passividade, pela rigidez e pela depreciação resultantes dos critérios de imitação e de técnica que passam a incidir, por exemplo, sobre a arte, as obras e as demais manifestações de formação humana.

Com suporte em seus contraditórios discursos de progressivos avanços nas condições de vida da sociedade e, por conseguinte, no acesso a uma melhor formação cultural e humana, a conjuntura capitalista de exclusão e segmentação social mantém, por meio de instrumentos de opressão simbólica e material, a exclusão das pessoas do processo de formação cultural em sua totalidade e sociabilização. Promove-se uma formação como simples aquisição de métodos, técnicas, habilidades e competências para dar respostas a situações práticas, específicas e utilitárias, necessárias ao homem no domínio da natureza e à sua sobrevivência, mas que em si não constituem uma verdadeira formação cultural com vistas à emancipação humana. Como resultado disso, ocorre progressivamente o isolamento, o individualismo e a alienação humana em relação ao contexto mais amplo e a si mesmo, o que impossibilita o indivíduo de se inserir ativamente e de constituir uma sociedade sem reducionismos e segmentações sociais e humanas.

Ante o panorama acima, emergem as inquietações em torno de tal contexto problematizador descrito e os processos de semiformação (semicultura) humanos? Quais as relações e implicações? As origens teóricas? E as possíveis intersecções com questões atuais? Justifica-se a relevância e a pertinência do estudo por possibilitar caminhos investigativos de aprofundamento científico e de compreensão sobre problemáticas socio-históricas, econômicas, de existência, sociabilização e formação humana.

2. CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Na busca por alcançar os objetivos traçados, esta investigação científica se fundamentou nesta etapa da pesquisa em pressupostos qualitativos (BOGDAN; BIKLEN, 2006), recorrendo aos registros até então disponíveis de trabalhos anteriores (documentos impressos e digitais), de estudos, categorias teóricas e contribuições de outros autores, utilizando fontes secundárias diversas. A revisão de literatura, centrada na análise teórica de sustentação do estudo e pertinente à problemática de pesquisa, abrangendo outras investigações já produzidas sobre o tema e se fazendo presente nas discussões teóricas, constituindo-se desse modo, em uma revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novos conhecimentos.

Nesta análise se compreende que o documento se constitui como qualquer registro escrito e fonte de informação. Tal análise pode ser implementada tanto como técnica exploratória como para complementação de dados obtidos com outras técnicas. Persiste constatar as referências, identificar a autoria, a natureza, as fontes, os procedimentos e demais elementos explicativos e justificativos pelo uso de certos documentos e adotando critérios de confiabilidade, credibilidade, transferibilidade, consistência e confirmabilidade.

No âmbito de uma reflexão teórica, a escolha dos documentos de análise deve-se à natureza e área investigativa deste estudo empreitado, em que a pesquisa bibliográfica, além do critério de tempo e natureza do trabalho, deve considerar também os objetivos “[...] do estágio científico do pesquisador, deve-se adotar um critério formal, cruzando duas perspectivas: partir sempre do mais geral para o mais particular e do mais recente para o mais antigo, ressaltando-se, obviamente, o caso dos

documentos clássicos” (SEVERINO, 2007, p. 133-134). Isto porque uma pesquisa, além de envolver técnica, também contempla elementos sociais e humanos, coletivos e individuais, amplos e específicos.

A ciência é sempre “uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real. Toda modalidade de conhecimento realizado por nós implica uma condição prévia, um pressuposto relacionado à nossa concepção da relação sujeito/objeto” (SEVERINO, 2007, p. 100). Na prática científica de pesquisa, as concepções da relação sujeito/objeto dão coerência e sustentação ao método aplicado, à operacionalização das técnicas e à apreensão concreta do fenômeno pesquisado em sua integralidade. Desses elementos resulta a produção do conhecimento, de certa forma, a constituir-se como a materialização de pressupostos do pesquisador sobre a natureza do real, do homem, do mundo natural e social, além do modo de apreensão desse real.

Nesse contexto de compreensão de ciência, pesquisa e conhecimento, a revisão bibliográfica aqui implementada buscou identificar o impacto, as relações e a proximidade de certos estudos com o problema, o objeto e os objetivos propostos, as questões teórico-metodológicas, as categorias e os constructos relevantes dos trabalhos produzidos. Segundo Alves-Mazzoti(2001, p. 187), a revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novos conhecimentos constitui um aspecto imprescindível “[...] à construção do objeto de pesquisa e como tal deve ser tratado, se quisermos produzir conhecimentos capazes de contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico na área e para a mudança de práticas que já se evidenciaram inadequadas ao trato dos problemas sociais”. Tal processo de revisão deve se configurar como um esforço para ir além da pura descrição. Busca-se teorizar, atribuir significado aos achados, o que requer conhecimento acumulado sobre o problema focalizado, a adequação das teorizações possíveis, a capacidade de construção teórica, dentre outros elementos.

A revisão realizada serviu tanto para ter clareza sobre as principais questões teórico-metodológicas para a pesquisa mais ampla, considerando aqui apenas um recorte dela, como também para integrar (como capítulo) ao estudo como um todo, pois independente da circunstância, “a literatura revista deve formar com os dados um todo integrado: o referencial teórico servindo à interpretação e as pesquisas anteriores orientando a construção do objeto e fornecendo parâmetros para comparação com os resultados e conclusões do estudo em questão” (ALVES-MAZZOTI, 2001, p. 184). Intenciona-se uma revisão com profunda teorização, de atualização, integração e produção de um novo conhecimento, evitando o risco de superficialidades ou de escritos repetitivos, exaustivos ou vazios.

3. THEODOR ADORNO E CONCEPÇÃO DE SEMIFORMAÇÃO

Delineia-se abaixo o contexto analítico que contempla uma abordagem dos estudos, das categorias e dos fundamentos teóricos do pensamento de Theodor Adorno, incidindo-se sobre uma de suas ideias centrais, a semiformação (semicultura), com suas interfaces, desdobramentos, ponderações e pressupostos críticos.

3.1 Theodor Adorno no contexto da Teoria crítica

Com formação em Filosofia, Musicologia, Psicologia e Sociologia pela Universidade de Frankfurt, Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno publicou diversos trabalhos sobre crítica e estética musical, filosofia social, dialética, literatura, cultura, modernidade, história e consciência de classe, fomentando ideias teóricas centrais, como Indústria Cultural, Dialética Negativa, Dialética do Esclarecimento, Personalidade Autoritária, Semiformação, dentre outras. Esse teórico é um dos principais expoentes da Escola de Frankfurt (*FrankfurterSchule*), associada a um grupo de pensadores membros do Instituto para Pesquisa Social (*InstitutfürSozialforschung*) de Frankfurt, fundado em 1924 sob a direção de Carl Grünberg, um economista austríaco que permaneceu no cargo até 1927.

Durante esse período, contava-se com a publicação “Arquivos de Grünberg” na divulgação dos estudos produzidos. Posteriormente, desde 1931, Max Horkheimer assumiu a função de diretor do Instituto, que passava a se associar à Universidade de Frankfurt, tendo como órgão oficial de expressão do pensamento até então fomentado a “Revista para a Pesquisa Social”. Dava-se, então, ênfase em estudos filosóficos de teóricos tradicionais, no contexto dos dilemas e dos conflitos do momento histórico, em detrimento das análises mais economicistas da sociedade, propostas anteriormente.

Vale destacar o fato de que a história do Instituto também tem raízes traçadas por Félix Weil, um jovem intelectual que promoveu, em 1923, um simpósio (*Erste Marxistische Arbeitswoche*), com o intuito de juntar formulações teóricas do pensamento marxista, tendo sido assistido por Georg Lukács, Karl Korsch, Karl August Wittfogel, Friedrich Pollock, dentre outros intelectuais. Em razão do sucesso do evento, Weil, com a ajuda de seu pai, um rico negociante judeu, passa a financiar o idealizado Instituto de estudos marxistas, que posteriormente se vincula ao Ministério da Educação e Cultura da Prússia.

A Escola de Frankfurt não compreende homogeneamente um conjunto de trabalhos complementares ou relacionados entre si. Por não constituir um coletivo integrado, sistemático e homogêneo de pensamento, são múltiplos os interesses e perspectivas dos membros frankfurtianos, apesar de se orientarem por uma posição de análise crítica e autorreflexiva dos problemas que incidem sobre a sociedade e a cultura no século XX. A tradição filosófica da Escola deve ser situada e compreendida com suporte nos fundamentos da Teoria Crítica, que se configura na autoconsciência social e crítica, materializada na mudança e na emancipação humana por meio do esclarecimento. Essa teoria foi inicialmente delineada por Marx Horkheimer, em sua obra “Teoria tradicional e teoria crítica”, em 1937 e, de acordo com seus postulados teóricos,

[...] a Teoria Crítica não se comporta criticamente apenas em relação ao conhecimento produzido sob condições capitalistas, mas igualmente em relação à própria realidade que esse conhecimento pretendeu apreender. Ou seja, a atitude crítica não se volta apenas para o conhecimento, mas para a própria realidade das condições sociais capitalistas. E isso porque o comportamento crítico tem sua fonte na *orientação para a emancipação* relativamente à dominação vigente. (NOBRE, 2011, p. 40-41).

Nessa perspectiva teórica, a compreensão do fato social em sua essência perpassa o caráter histórico, cujas ideologias moldam o pensamento e as ações humanas; portanto, não pode ser apreendido por métodos positivistas, cientificistas e puramente observáveis da mesma forma que se compreendem os fatos naturais. O fato social deve ser analisado no âmbito das Ciências Sociais, pois ele em si é fomentado em contextos históricos específicos, por ações e percepções individuais, o que dificulta possíveis generalizações e exatidões científicas.

Concretizando-se como autocrítica, rejeitando as pretensões e formulações de verdades absolutas e produzindo o autoconhecimento da humanidade, a Teoria Crítica incide sobre a totalidade da sociedade na sua especificidade histórica, de modo a explicá-la e a mudá-la. A Teoria Crítica sustenta-se no método dialético, em que é o ser social que determina a consciência humana e em que, nas contradições materiais e sociais do desenvolvimento das forças produtivas, as pessoas, conscientes da “dialeiticidade” dessas contradições, podem se emancipar e promover transformações na ordem vigente.

Considerando as condições reais que permitiriam efetivas transformações sociais, percebe-se nos estudos frankfurtianos o aspecto “crítico” da teoria como superação dos limites do positivismo e do determinismo, uma vez utilizados alguns pressupostos do conceito de esclarecimento e de autonomia em Kant e na dialética hegeliana.

Dentre os membros fundadores da Escola de Frankfurt, os que se incluem na segunda geração de teóricos e aqueles que estiveram temporariamente associados à Escola, são: Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Friedrich Pollock, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, Leo Löwenthal, Jürgen Habermas, Franz Neumann, Oskar Negt, Alfred Schmidt, Albrecht Wellmer, Axel Honneth, Walter Benjamin, Siegfried Kracauer, Karl August Wittfogel e Alfred Sohn-Rethel.

O grupo de intelectuais que integrava a Escola de Frankfurt produziu um pensamento conhecido como Teoria Crítica, que se configurou em um movimento autorreflexivo que uniu trabalho empírico e análise teórica. Os estudos dessa Escola incidiram sobre temáticas como materialismo histórico, o conceito de história, a tomada de consciência de classe, a cultura, a arte e a literatura; apresentaram, portanto, um pensamento de inspiração marxista, o qual permitiu pensar categorias e instrumentos que pudessem vislumbrar possíveis transformações, possibilidades, limites, caminhos e leituras do marxismo na análise e superação da conjuntura capitalista imposta.

Ao longo de sua tradição filosófica, a Escola de Frankfurt vivenciou fatos históricos que culminaram com o exílio de muitos de seus componentes, como a turbulência política nos anos entre guerras da Alemanha, o aparecimento do regime fascista e a ascendente implantação do nazismo.

Em razão de tais eventos, os teóricos da Escola deixaram a Alemanha e reestruturaram, em 1933, o Instituto de Pesquisa Social em Genebra, depois em Paris e, por último, em Nova Iorque, em 1935, o filiando à Universidade de Columbia. Nesse momento, os estudos propostos foram se destacando e apresentando maior receptividade favorável nos espaços acadêmicos ingleses e estadunidenses. Alguns dos pesquisadores, como Marcuse, Lowenthal e Kerchheimer, resolveram permanecer nos Estados Unidos para prosseguirem seus trabalhos. Outros, como Horkheimer, Pollock e Adorno, decidiram voltar à Alemanha Ocidental no início de 1950 e restabelecer formalmente o Instituto em Frankfurt em 1953.

Adorno foi um dos intelectuais que mais desejaram o retorno do Instituto para Pesquisa Social à Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, tornando-se seu diretor-adjunto e seu codiretor em 1955. Após retornar à terra natal, ele publicou vários trabalhos, dentre eles: “Para a metacrítica da teoria do conhecimento – estudos sobre Husserl e as antinomias fenomenológicas” (1956), “Dissonâncias” (1956), “Ensaio de Literatura I, II, III” (1958 a 1965), “Dialética negativa” (1966), “Teoria estética” (1968) e “Três estudos sobre Hegel”, em 1969, ano em que Adorno faleceu.

3.2 Semiformação no pensamento de Theodor Adorno

Inserida na complexa fundamentação teórica de Adorno sobre a perspectiva da “dialecicidade”, vale aqui situar inicialmente sua importante obra intitulada “Dialética do Esclarecimento” (1947), elaborada com a colaboração de Max Horkheimer. Esse estudo traz uma análise crítica da razão instrumental, da civilização técnica e da lógica cultural produzidas após o advento do Iluminismo e do seu conceito de razão que, fomentada na sociedade de mercado com fins ao progresso técnico, proclamava um domínio dito “racional” da natureza para a formação de uma consciência esclarecedora do humano.

Ante o modo e as relações autoritárias que foram sendo estabelecidas entre o homem, o meio e os outros, o que se constatou foi um anti-iluminismo, isto é, a destruição das condições objetivas e subjetivas de formação de pessoas esclarecidas, autônomas, conscientes, capazes de refletir, tomar decisões e se determinarem. O homem criou instrumentos, estratégias e condições para dominar a natureza em seu benefício próprio, porém, a apreensão dos elementos naturais ensejou continuamente a barbárie humana, devido à forma unilateral como esse processo se desenrolou.

Entende-se que a cultura advinda do processo civilizatório deveria ser o pressuposto para o esclarecimento humano; este, entendido na perspectiva do progresso do pensamento. Nesse sentido, conforme Adorno e Horkheimer (1985) tal processo deveria tornar os homens autoconscientes, senhores de si, por meio do domínio da natureza, e mediatizados pela razão e pelo saber. Presume-se, entretanto, dominar a natureza, mas, na verdade, o homem se mostra subjugado às suas próprias demandas, pois

[...] o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si* torna *para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. Essa identidade constitui a unidade da natureza (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21).

O saber, que deveria tonar as pessoas esclarecidas e autoconscientes, reduziu-as à conformação com a realidade, uma vez que privilegiou aspectos técnicos em detrimento da elaboração de um pensamento autônomo, reflexivo, educativo e crítico sobre a própria existência e sociabilidade humana, porque a “técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18). O que o ser humano passa a querer efetivamente é saber da natureza como utilizá-la, como pode usar a técnica para dominar a ela e a si mesmo.

Desse modo, uma vez que a natureza foi convertida em mera objetividade e instrumentalidade, são reconhecidas as coisas e os seres humanos na medida em que se pode manipulá-los e dominá-los, o que resulta na alienação humana, sobretudo naquilo em que se exerce o poder, pois “[...] a dominação universal da natureza volta-se contra o próprio sujeito pensante; nada sobra dele senão justamente

esse *eu penso* eternamente igual que tem que poder acompanhar todas as minhas representações. Sujeito e objeto tornam-se ambos nulos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 34). Assim, o saber que deveria fomentar um ser humano autoconsciente resulta na submissão e na anulação deste ante as condições e relações simbólicas e materiais produzidas por ele próprio. Isto porque

[...] o preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 35).

Evidencia-se uma perspectiva formativa em que ao ser humano são inculcados determinados padrões de comportamentos considerados naturais, que o enquadram unicamente em modelos postos e que coisificam suas relações.

O progresso que deveria “iluminar” o homem e torná-lo um ser racional, esclarecido e autônomo se mostra, ao contrário, nas várias expressões de barbárie humana, idiotizando e apequenando o homem, ao mesmo tempo em que aumenta a quantidade de bens tecnológicos e culturais a ele destinados. A formação cultural convertida em semiformação, que é “[...] o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 2010, p. 25), passa a ser regida pelo consumismo desenfreado, alienante e de suposta satisfação material e cultural, cuja defesa pelo iluminismo seria a aquisição de bens materiais que resultaria em uma espécie de integração social e formativa, como se pode inferir neste excerto adorniano:

[...] o iluminismo tinha como finalidade libertar os homens do medo, tornando-os senhores e liberando o mundo da magia e do mito, e admitindo-se que essa finalidade pode ser atingida por meio da ciência e da tecnologia, tudo levaria a crer que o iluminismo instauraria o poder do homem sobre a ciência e sobre a técnica. Mas ao invés disso, liberto do medo mágico, o homem tornou-se vítima de novo engodo: o progresso da dominação técnica. Esse progresso transformou-se em poderoso instrumento utilizado pela indústria cultural para conter o desenvolvimento da consciência das massas. (ADORNO, 1999, p. 8).

A razão provinda da supervalorização da ciência e da técnica se mostra como razão instrumental de caráter positivista, que visa ao domínio da natureza e do próprio homem a serviço do poder do capital, o que torna as relações e os processos sociais instrumentalizados e alienados no âmbito da manipulação e sujeição do homem pelo homem. Esse processo se dá por meio da massificação do conhecimento, da arte e das demais representações culturais, uma vez que, perdendo sua força, a essencialidade e a direcionalidade próprios a cada um, a cultura e suas manifestações tornam-se meros objetos de consumo. Segundo Adorno (1999), esse contexto de massificação se configura, na indústria cultural, como a substituição da expressão cultura de massa, que erroneamente é empregada em razão de interesses econômicos e sociais como se significasse manifestações culturais providas espontaneamente das próprias massas. Essas manifestações são criadas e postas ao consumo, mas adaptam e determinam o produto (o bem), a necessidade e o próprio processo de consumo das massas.

A indústria cultural designa a prática social em que diversas instituições com fins de produção e de distribuição de bens simbólicos à criação cultural e intelectual são orientadas em função da possibilidade de consumo no mercado. Ela é regida por critérios econômicos, os quais objetivam sempre a lucratividade que a produção de determinado bem cultural pode ensejar. Seguindo modelos, fórmulas e padrões estabelecidos, os processos e as relações individuais de criação, inovação, estética, espontaneidade e crítica da cultura são suplantados pela técnica, adaptação, imitação, instrumentalidade e produção coletiva.

Com as alterações que os meios de comunicação no contexto da Modernidade provocaram na realidade sócio-histórica, a cultura se torna um produto mercadológico e o possível conhecimento que deveria ser promovido pela cultura como mecanismo de esclarecimento e formação humana passa a ser um instrumento de alienação e dominação do homem pelas opressoras estruturas sociais. Promove-se não a formação do conhecimento, mas o aparente acesso à informação, quer dizer, à semiformação, pois “dizer que a técnica e o nível de vida mais alto resultam diretamente no bem da formação, pois assim, todos podem chegar ao cultural, é uma ideologia comercial pseudodemocrática”. (ADORNO, 2010, p. 27). O acesso aos diversos bens materiais não necessariamente se converte na apreensão real de uma formação cultural emancipatória, uma vez que,

neutralizada em mercadoria, a cultura suplanta todas as possibilidades de conscientização e libertação humana.

Considerando as produções artísticas, culturais e intelectuais como mercadorias de circulação rápida, com vida útil determinada pelo lucro gerado, suas representações são criadas e substituídas por outras conforme o interesse do público, ao se considerar que as necessidades das pessoas também são geradas pela própria indústria cultural que, concomitantemente, produz os bens “úteis” que irão aparente e momentaneamente satisfazer os desejos das pessoas. Segundo Adorno (2002, p. 61),

O útil que os homens se prometem na sociedade de conflito, por meio da obra de arte, é exatamente, em larga escala, a existência do inútil: que, entretanto, é liquidado no ato de ser subjugado por inteiro ao princípio da utilidade. Adequando-se por completo a necessidade, a obra de arte priva por antecipação os homens daquilo que ela deveria procurar: liberá-los do princípio da utilidade.

A produção estética integrada à produção de cunho mercantil perpetua a concepção na qual o sujeito é reduzido à quantidade de bens materiais adquiridos por ele, bem como nos modos e relações utilitárias que estabelece e que são veiculadas pelos meios de comunicação como modelos de conduta ditos corretos, bons, adequados e aceitos socialmente.

Nesse sentido, o homem é engajado espontaneamente a perpetuar ideias e atitudes à manutenção do sistema econômico e social, mediante, por exemplo, o consumo estético massificado dos produtos postos ao mercado. Assim, o caráter libertador do conhecimento cultural na formação da consciência humana, por conseguinte, de combate às diversas formas de dominação, vê-se atrelado e subjugado às amarras dos tempos modernos. Estes, em meio às contradições, conflitos e crises econômicas e sociais, configuram o progresso tecnológico, científico e econômico como expressão também de novas formas de sujeição do homem às relações sociais que ele próprio promove.

O caráter original da obra de arte está no fato de ela ser única em um dado espaço de tempo. Com o advento da reprodução em massa da cultura, porém, os bens artísticos ganham popularidade, a cópia passa a ter o mesmo valor da obra de arte que lhe deu origem. O valor obtido dessa cópia é medido à proporção do valor da sua imagem como mercadoria pelos meios de comunicação e sua receptividade pelo público. Um exemplo disso é o quadro de Monalisa. Desse modo, justifica-se a pertinência da imprensa e das demais mídias no rápido fluxo de informações, tornando superficiais e coisificando as relações do homem com o conhecimento e com a própria sociedade. Nessa perspectiva, Adorno (2002, p. 68) pontua:

O caráter de montagem da indústria cultural, a fabricação sintética e guiada dos seus produtos, industrializada não só no estúdio cinematográfico, mas virtualmente, ainda na compilação das biografias baratas, nas pesquisas romanceadas e nas canções, adapta-se *a priori* à propaganda. Já que o momento particular tornou-se separável e fungível, descartado mesmo tecnicamente de qualquer nexos significativo, ele se pode prestar a finalidades externas à obra.

Assim, a cultura de massa é provida ao público em geral nas suas eternas, repetitivas e adaptativas estruturas e padrões, garantindo, dessa forma, o sucesso e o lucro em um curto tempo possível, antes que o bem cultural se torne obsoleto e não garanta a lucratividade necessária à manutenção do mercado da cultura. Como consequência disso, há a rápida produção e divulgação em massa dos produtos a serem consumidos independentemente das especificidades da cultura local, que é, por sua vez, moldada às estruturas da indústria cultural.

No complexo sistema de conversão dos bens culturais em mercadorias com valor de troca, promove-se a semiformação como expressão dominante de uma consciência humana que renunciou a autodeterminação, ao ser fomentada e regida por elementos culturais aprovados e postos ao consumo pelo sujeito, pois “a semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional”(ADORNO, 2010, p. 25). Desse modo, essa consciência é unilateral e progressivamente vai se dissociando da vida real dos homens, da humanidade e de suas relações, absolutizando a formação em si mesma, com vistas à adaptação e conformação do sujeito de forma espiritual e sensorial.

A desumanização promovida pelo processo de produção capitalista nega ao homem os pressupostos para a construção do conhecimento, da plena formação cultural e da consciência crítica, pois

[...] a sensação de não despertar diante do poder do existente, de ter de capitular diante dele, paralisa até os movimentos que impelem ao conhecimento. O que se apresenta ao sujeito como inalterável se fetichiza, torna-se impenetrável e incompreendido. Pensa-se maniqueisticamente, de acordo com o esquema dos predestinados ou à salvação ou à condenação. O semiformado coloca-se todas as vezes entre os salvos e, entre esses, inclui quem está no poder, a que este reino serve de mediador. E, portanto, condena tudo que poderia colocar sob julgamento sua opção. (ADORNO, 2010, p. 35).

A indústria cultural produz no homem a necessidade de se ter uma formação cultural, ao mesmo tempo em que ela cria e traz para o consumo o produto de que supostamente o homem necessita, ou seja, a semiformação. O homem agora, semiformado, mas acreditando estar plenamente formado nas dimensões ética, profissional, espiritual e humana, situa-se em uma posição social superior, sustentada pelo ideológico *slogan* comercial de que um padrão de vida economicamente mais elevado resultaria em uma formação humana e profissional qualitativamente melhor e vice-versa. Da mesma forma, o homem semiformado consolida a ideia midiaticamente produzida de que uma boa formação cultural geraria para o sujeito formado melhores condições e patamares sociais, econômicos e culturais.

Desse modo, a salvo e à margem dos condenados, esse homem, diante de um julgamento sobre a sua opção formativa, posiciona-se defensivamente e, às vezes, exclui o contato com algo ou alguém que possa fazer emergir algum elemento ou aspecto passível de suspeitas e julgamentos na sua formação. Nesse sentido, Adorno (2010, p. 33) assevera que o semiformado busca a conservação de si mesmo sem si mesmo, ele não consegue permitir “[...] então, o que, segundo a teoria burguesa, constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Procura-se subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo em que, objetivamente, se coloca totalmente contra ela”.

No movimento de procura, de consumo e de posição de defesa pela opção da semiformação, por conseguinte, pela rejeição à possibilidade de autorreflexão sobre a formação, ao homem são negadas as efetivas condições de criação, de reflexão e de apropriação dos bens culturais em sua originalidade. São negados os processos de elaboração da liberdade, da autonomia e da humanização do homem, imprescindíveis à real formação cultural em sua integridade, dimensionalidade e complexidade.

Ao mesmo tempo em que o desenrolar da vida em sociedade enseja as necessidades e as adaptações a serem feitas pela indústria cultural, esta conduz à formação de pessoas passivas aos vereditos sociais. Como consequência da conjuntura capitalista, tem-se um processo de suposta neutralidade e de uma ordem única estabelecida com vistas a fazer com que os seres humanos se integrem e assimilem voluntariamente a cultura imposta, com o entendimento de que

[...] a regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 41).

A organização e a administração da conjuntura societária capitalista ensejam o empobrecimento do pensamento e da prática do indivíduo, levando-o a se conformar ante a realidade, a estratificação social e sua posição individual nesta, ao considerar que “felizes” são as pessoas modestas que “[...] não aspiram no fundo a mais nada, senão ao que elas já têm e bendita seja ‘a ordem social’ que não pretende a desventura deles ao convidá-los a destinos muito ambiciosos, tão mal adaptados às suas aptidões quanto às suas aspirações (BOURDIEU; PASSERON, 2009, p. 247). Os bens materiais e culturais, como consequência dessa conjuntura capitalista e com suporte em um processo de suposta neutralidade e ordem única estabelecida, conduzem à formação de sujeitos passivos aos vereditos sociais, à integração e à assimilação voluntária da cultura imposta.

Vale pontuar que mesmo reconhecendo o panorama acima desvelado e compreendendo toda a barbárie promovida e perpetuada nos diversos tempos e espaços sociais de contradição, torna-se possível um clima mais favorável aos mecanismos de contraposição e de transformação do contexto vigente, com amparo na dialética social e histórica. No âmbito de circunstâncias propícias, a emancipação humana seria percebida como um processo dinâmico, um vir a ser constante. Ao afirmar que a barbárie oriunda de fatores subjetivos tem como principal razão objetiva a falência da cultura, Adorno expõe sutis marcas de ações para contradizer e contestar a semiformação instituída:

Por exemplo, imaginaria que nos níveis mais adiantados do colégio, mas provavelmente também nas escolas em geral, houvesse visitas conjuntas a filmes comerciais, mostrando-se simplesmente aos alunos as falsidades aí presentes; e que se proceda de maneira semelhante para imunizá-los contra determinados programas matinais ainda existentes nas rádios, em que nos domingos de manhã são tocadas músicas alegres como se vivêssemos num "mundo feliz", embora ele seja um verdadeiro horror; ou então que se leia junto com os alunos uma revista ilustrada, mostrando-lhes como são iludidas, aproveitando-se suas próprias necessidades impulsivas; ou então que um professor de música, não oriundo da música jovem, proceda a análises dos sucessos musicais, mostrando-lhes por que um hit da parada de sucessos é tão incomparavelmente pior do que um quarteto de Mozart ou de Beethoven ou uma peça verdadeiramente autêntica da nova música. Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação e o mundusvultdecipi em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado. A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento (ADORNO, 1995, p. 182).

As ações de despertar da consciência e flexibilidade humana, mesmo realizadas de maneira restrita e contingente, por poucos nos âmbitos institucionais, concretizam-se em iniciativas de resistência e devem ser vivenciadas por todos e em todos os planos e dimensões da vida humana, pois, do outro lado, estaria a forte contraposição dos interesses econômicos próprios da indústria cinematográfica. Conforme Adorno (2010, p.39), “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu”, tornando urgente a contínua reflexão e conscientização crítica em torno do processo de conformação ao sistema existente, o qual restringe os espaços de luta e de autonomia do homem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de produção capitalista expresso nas esferas social, política, econômica e cultural faz com que as pessoas pensem e ajam de forma mecânica e consumista, em que a satisfação dos próprios interesses pessoais e a resolução direta ou indiretamente de problemas ocorrem por meio de ações de consumo rápido, substituível e supérfluo de mercadorias. Além disso, o constante progresso tecnológico, econômico e científico, que permeia o contexto da indústria em massa da cultura, está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da vida social.

Os próprios momentos de lazer e de diversão constituem expressões de relações de consumo, de dinheiro, de fetichismo, de interesses e de disputas, uma vez que se sustentam por diretrizes culturais capitalistas, o que leva à falência da consciência da sociedade, à imposição da submissão e mecanização do homem como mercadoria pelo próprio homem, bem como à implantação do comércio, dos produtores e dos consumidores da indústria cultural, porque a diversão passa a se configurar em um prolongamento do trabalho.

O tempo livre disponível ao homem, que deveria se constituir em momentos de lazer, de prazer e de formação cultural, revela-se um prolongamento do trabalho, atrofiando e excluindo a capacidade humana de criação. As supostas ocasiões de divertimento, de criação e de apreensão de produções culturais são simples conjuntos de comandos regulados, repetitivos e reproduzíveis do processo cotidiano de trabalho, que não exigem qualquer esforço pensante, intelectual ou criativo.

A indústria cultural cria necessidades ao consumidor, e o produto é gerado com base nessa necessidade do homem; este se torna um simples objeto da indústria que se satisfaz e se perpetua nesse movimento consumista, de criação, renovação e compulsão por novos produtos para necessidades já existentes ou criadas e recriadas pela manipulação capitalista. Estruturando-se em bases objetivas e se expressando à sociedade por motivos objetivos, a racionalidade de manipulação da indústria cultural resulta da irracionalidade da sociedade, uma vez que ela ocorre com origem no conformismo e na impotência das pessoas feitas meras consumidoras.

Enseja-se a necessidade pelo produto e pela criação do próprio produto, que é a semicultura ou semiformação, caracterizada por uma falsa consciência, imposta, reproduzida e pertinente à manutenção das relações sociais vigentes. Absolutizando-se em si mesma, a semiformação “[...] dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe for inerente – enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas” (ADORNO, 2010, p. 10). Esquece-se a essencialidade (o humano) da formação cultural e

esta se coisifica em simples bem mercadológico.

Neste panorama que repousam a racionalidade técnica que rege os processos sociais na esfera do capitalismo, a industrialização da cultura como qualquer outro produto mercadológico, a coisificação do homem e a deteriorização de sua consciência, emergem a gênese da semiformação (semicultura) humana, tendo suas discussões entremeadas aos escritos de Theodor Adorno no âmbito de pressupostos da Teoria Crítica.

Vale considerar, por fim, como caminho ascendente de resistência e sob a base teórica crítica, outro tipo de racionalidade que pode conduzir os processos sociais (na relação entre sistema e mundo da vida) de forma comunicativa. Isto com o entendimento de que a problemática da racionalidade se insere nos planos metateórico, metodológico, empírico e que a “[...] a racionalidade tem menos a ver com a posse do conhecimento do que com a maneira pela qual os sujeitos capazes de falar e agir adquirem e empregam o saber” (Habermas (2012, p.31). Não há a negação da articulação entre esses dois elementos, entretanto, a racionalidade de uma exteriorização, de uma ação, depende do grau de confiabilidade que o sujeito tem no saber ali imbuído, depende das pretensões de tais exteriorizações, das intencionalidades, das ações para atingir um fim.

Trata-se de uma racionalidade comunicativa abrangente de enfoque fenomenológico, implicando dois tipos básicos de ação racional, a *instrumental* (estratégica), em que a ação é justificada por fatos, busca-se intervir na realidade objetiva e a eficácia da ação é medida por fatores técnicos; e a *comunicativa*, em que a ação tem orientação dialógica e o uso de argumentos com pretensões de validade.

REFERÊNCIAS

- [1] ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zaar, 1985.
- [2] _____. **Indústria cultural e sociedade**. Tradução de Julia Elisabeth Levy [et al.]. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- [3] _____. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- [4] _____. **Os pensadores – Adorno**. ARANTES, Paulo Eduardo (Consultoria). Tradução de Zeljko Loparic [et al.]. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- [5] _____. Teoria da semicultura. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (Orgs.). **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas – SP: Autores Associados, 2010.
- [6] ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. Revisão da Bibliografia. In. ALVES MAZZOTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001. p. 179-188.
- [7] BOGDAN, Robert; BIKLEN, SariKnopp. **Investigação qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2006.
- [8] BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2009.
- [9] HABERMAS, Jurgen. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. Tradução Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- [10] NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- [11] SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Citation: Daniele Cariolano da Silva, et.al., “Theodor Adorno: Gênese Da Concepção De Semiformação ” *International Journal of Humanities Social Sciences and Education (IJHSSE)*, vol 7, no. 8, 2020, pp. 8-17. doi: <http://dx.doi.org/10.20431/2349-0381.0708002>.

Copyright: © 2020 Authors. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.